

## Questão de Escola: Proposta sobre a Garantia<sup>1</sup>

*Jacques-Alain Miller*

É apropriado tratar as relações entre o discurso do analista e discurso do mestre sob a égide da Garantia. O que é de fato a Garantia? O que é o título de Analista Membro da Escola concedido pela Comissão da Garantia da Escola? É o meio através do qual nosso grupo analítico se faz representar no discurso do mestre, na medida em que este grupo se constituiu em associação, uma associação legal, regida pela lei de 1901 e laureada pelo governo, há alguns anos, com o título de "utilidade pública". Portanto, ela não é "sem garantia do governo", para retomar a expressão de Serge Cottet.

### **O algoritmo do mestre**

O que designamos, com Lacan, como discurso do mestre, é, se quisermos, um algoritmo; o algoritmo da representação do sujeito sob a forma de um significante-mestre. Mas as formas desse discurso não são *ne varietur*, elas se modificaram em nossa área e em nossa era. É nesse aspecto que a palavra cidade está em desuso. A cidade não existe mais, no sentido d'A cidade antiga de Fustel de Coulanges<sup>2</sup>.

Seguindo Lacan, o capitalismo substituiu o significante-mestre pelo sujeito dividido no lugar acima e à esquerda do esquema, que é o lugar do semblante. Em termos políticos, dizemos "individualismo democrático". Em outras áreas, o discurso do mestre subsiste tal e qual, em particular sob formas intensificadas em que o significante 'Um' é exaltado como sagrado, divino. O religioso aí domina

o social. Acreditamos observar até entre nós veleidades de retorno à dominação do religioso. Deixo isto em aberto.

O que mantém o lugar dominante hoje no discurso do mestre? A resposta é de fato multivalente. Acabo de dizer que em termos políticos era o sujeito barrado, o sujeito do individualismo. Mas me ocorreu sustentar que era o objeto a situado no "zênite social"<sup>3</sup>. Segundo Philippe De Georges, o que domina é  $S_2$ , sob a aparência da burocracia. Enfim, pode-se dizer que é sempre o  $S_1$  que, definitivamente, sustenta o discurso do mestre. Aí, novamente, deixo em aberto.

### **O psicanalista no plural**

Que relação o psicanalista quer manter com o discurso do mestre entendido em toda a sua generalidade? Ele não é reconhecido como tal no discurso do mestre e não demanda esse reconhecimento; pelo contrário, até pede que não seja reconhecido. Contudo, um psicanalista não pede o reconhecimento do Estado, os psicanalistas se agrupam e se constituem em associações legais, cada qual com uma personalidade jurídica registrada pela administração. Aos olhos do discurso do mestre, os psicanalistas "no um por um" se eclipsam e só se apresentam sob a forma de conjuntos.

### **A Escola morcego**

O título fornecido pela Comissão de Garantia diz respeito ao Estado e ao público, na medida em que ele qualifica o analista como membro de uma associação legal. Em contrapartida, o título de AE diz respeito à psicanálise. Segue-se que a Escola é um ser ambíguo, que tem asas analíticas, como se diz, e patas sociais, que constitui, para falar como Baudelaire<sup>4</sup>, uma dupla postulação, uma para o discurso analítico e outra para o discurso do mestre. Através da associação, o discurso

analítico se submete abertamente ao discurso do mestre ao mesmo tempo em que, às escondidas, ele o subverte. Subversão e submissão ao mesmo tempo. Jogo sutil que tem, se ousar dizer, uma faceta jesuíta. Quando o mestre nos aperta muito de perto, cabe a nós persuadi-lo, seduzi-lo, a fim de continuar nosso pequeno empreendimento sem irritar sua paciência.

### **Um contra-lobby**

No início dos anos 2000, fomos confrontados com uma exigência de diploma, bastante confusa, digamos, que empacou. Alguns queriam hoje nos vetar a prática com autistas. Encontrar os significantes "proibir e condenar", em relação à psicanálise, ainda que fosse um projeto rejeitado pelo Congresso Nacional, era uma estreia e isto estremeceu não só os praticantes, mas mais amplamente os defensores da democracia liberal. Acreditou-se estar de volta aos tempos da cidade antiga, quando Sócrates foi condenado à morte por ter manipulado, dizia-se, e arruinado os significantes-mestres da cidade.

Vários pais de autistas fizeram do psicanalista o bode expiatório de sua infelicidade e constituíram um lobby. Pois bem, há escolha forçada para as associações analíticas: elas deverão constituir um contra-lobby, esta é a lição pragmática a tirar do episódio. Quando recebemos outrora uma resposta do mestre que reconhecia nossa utilidade para o público, isto foi a jubilação de nosso pequeno povo. O "morre, vadia!" do deputado Fasquelle só poderia nos traumatizar. Nossos trabalhos de hoje assumiram a tarefa de uma elaboração desse trauma. De que valeria efetivamente nossa Garantia se a própria psicanálise fosse desacreditada? Mais do que "diabolizar" a psicanálise, esforço que só diz respeito ao lobby dos "pais de autistas", trata-se nesse sentido de lançar o descrédito sobre ela - como se alguém interpelasse a psicanálise

nestes termos: "Você nos acusa de sermos semblantes... o semblante é você"!

### **Em direção ao real pelo semblante**

Não há por que se emocionar. Lacan não hesitava em pronunciar sobre o ato analítico a palavra embuste (*escroquerie*). Entendamos. Procurando fundar a psicanálise como um discurso que não obtinha seus efeitos a partir do semblante, ele concluiu sobre a inutilidade da empreitada. O discurso do analista, assim como os outros, obtém efeito a partir do semblante. Nesse sentido, ele não vale mais. Nesse sentido, é um embuste (*escroquerie*). Mas este cai exatamente na medida em que ela não dissolve apenas os semblantes dos outros discursos, mas denuncia igualmente o seu próprio. Ele cai justamente porque o resultado de sua operação, ainda que obtenha seu efeito do semblante, é desnudar o real. Este é o paradoxo de um "embuste" que afeta o real.

Há alguns dias descobri os jogos virtuais, em particular um jogo, ou um grupo de jogos intitulado *Bubble Shooter*. Em sua telinha vocês lançam uma bola em uma cadeia de bolas da mesma cor e o resultado é que todas as bolas dessa cor explodem, inclusive a que vocês lançaram. É bem assim que vejo o efeito da psicanálise: *in fine*, seu suporte de semblante, o sujeito-suposto-saber, se autodestrói.

### **Conclusão**

A psicanálise é um abraço com o particular, o não-universal, o que não vale para todos, ao passo que o discurso do mestre, reforçado por seu pacto com a ciência, está sob o regime do "para todos". O que faz trauma é a ferocidade atual desse para todos que resulta das bodas do mestre com a ciência. *Pericoloso sporgersi*, é proibido se debruçar para-fora do para todos.

O discurso analítico, em contrapartida, regido pelo não-todo, ata-se a existências que não só precedem a essência como lhe são antinômicas. Conseqüentemente, elas obrigam a uma enumeração, ao um-por-um, ao passo que a avaliação pelo mestre toma os indivíduos no atacado, por uma medida comum. O discurso analítico, por sua vez, abre espaço para o incomensurável, isto é, para o fator (a) que sempre se intercala no cálculo. A objeção do objeto induz no mestre uma raiva da qual tivemos o exemplo recente. Eis em que contexto, me parece, debatemos esta tarde.

Tradução: Teresinha N. Meirelles do Prado

---

<sup>1</sup> Pronunciada à guisa de introdução, na Tarde da Garantia, da Escola da Causa Freudiana (ECF), em 21 de janeiro de 2017.

<sup>2</sup> DE COULANGES F. (1864) *La cité antique*. Paris: Duran.

<sup>3</sup> MILLER, J-A. (2005) "Uma fantasia". In: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n.42, pp.7-18.

<sup>4</sup> BAUDELAIRE, C. (1975) "Mon coeur mis à nu". In: *Oeuvres complètes*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 2 vol.: I, p.682.